

CIDADE, REGIÃO E REGIONALIDADE: A DINÂMICA DE DELMIRO GOUVEIA NO ALTO SERTÃO ALAGOANO CONFORME O TURISMO

*CITY, REGION AND REGIONALITY: THE DYNAMICS OF DELMIRO GOUVEIA IN
THE ALTO SERTÃO ALAGOANO ACCORDING TO TOURISM*

Regís Lima da Silva

regis.geo20@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador

diego.salomao.salvador@ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Conflitos de interesses, filiação institucional e responsabilidades

Os autores declaram não haver interesses conflitantes.

Afiliações Institucionais são informadas pelo(s) autor(es) e de inteira responsabilidade do(s) informante(s).

O(s) autor(es) é(são) responsável(is) por todo o conteúdo do artigo, incluindo todo tipo de ilustrações e dados.

Recebido em: ago./2023

Aceito em: jun./2024



Resumo

A dinâmica do espaço no atual estágio da Globalização é reinventada e abrange diversas possibilidades de conexão. A distância física não é impedimento para as interações entre espaços de diferentes escalas geográficas, tendo-se em vista as tecnologias digitais da informação e da comunicação e a modernização dos meios de transporte. Estas conexões decorrem de intercâmbios sociais, econômicos e culturais, com a disponibilização de mercadorias e serviços para os habitantes de espaços diferentes e distantes, porém, ligados na lógica capitalista da Globalização. Isto ocorre com espaços globais ou metropolitanos e com espaços menos complexos em funcionalidade, não obstante, também importantes para a realização do mundo nos lugares, como é o caso de Delmiro Gouveia, cidade do Alto Sertão Alagoano, no Nordeste do Brasil. Neste trabalho, analisa-se a dinâmica dessa urbe e da sua região, considerando-se a promoção do processo de Globalização por intermédio da atividade turística. Como resultado da pesquisa, afirma-se que a regionalidade de Delmiro Gouveia é reafirmada com a efetivação da sua potencialidade turística, pois esta dinamiza o mercado da cidade e consolida o seu destaque no Alto Sertão de Alagoas.

Palavras-chave

Cidade. Região. Regionalidade.

Abstract

The dynamics of space in the current stage of Globalization is reinvented and encompasses several connection possibilities. Physical distance is not an impediment to interactions between spaces of different geographic scales, bearing in mind digital information and communication technologies and the modernization of means of transport. These connections result from social, economic and cultural exchanges, with the availability of goods and services for the inhabitants of different and distant spaces, however, linked in the capitalist logic of Globalization. This occurs with global or metropolitan spaces and with spaces that are less complex in terms of functionality, nevertheless, they are also important for the realization of the world in places, as is the case of Delmiro Gouveia, a city in Alto Sertão Alagoano, in the Northeast of Brazil. In this work, the dynamics of this city and its region are analyzed, considering the promotion of the globalization process through the tourist activity. As a result of the research, it is stated that the regionality of Delmiro Gouveia is reaffirmed with the realization of its tourist potential, as this dynamizes the city's market and consolidates its prominence in the Alto Sertão de Alagoas.

Keywords

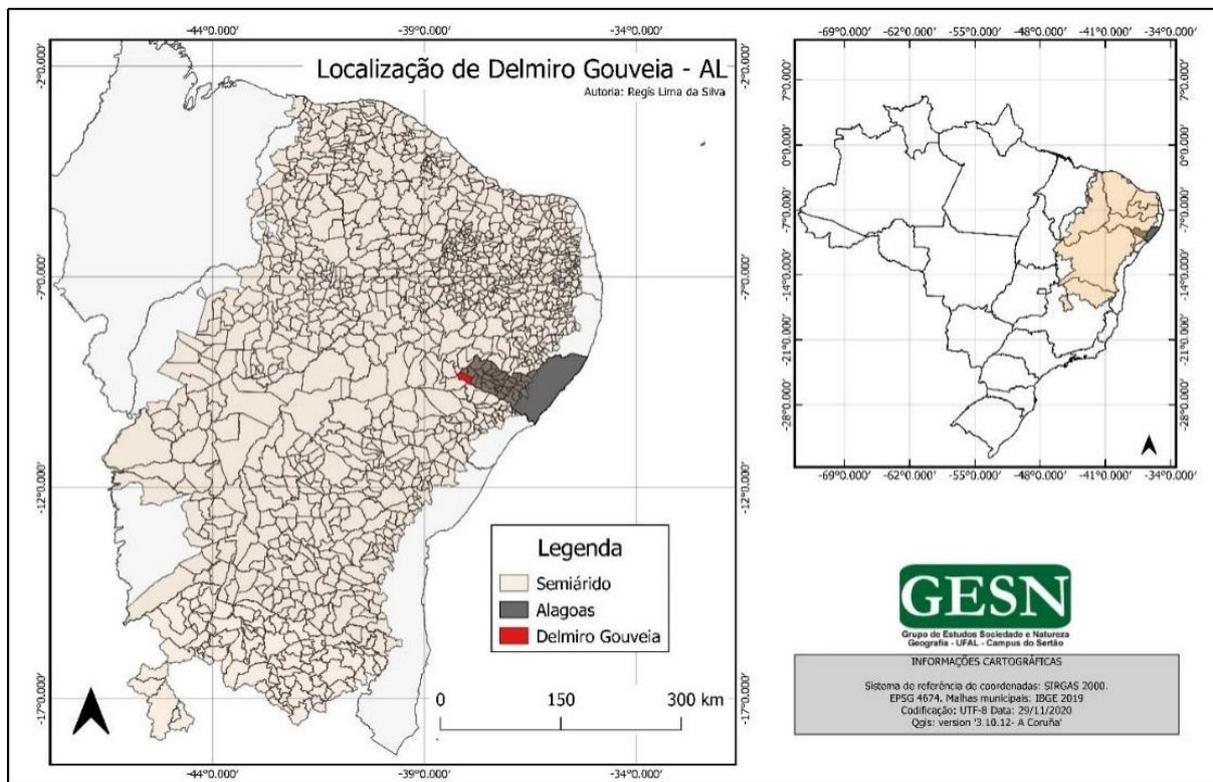
City. Region. Regionality.

Introdução

O interior do Brasil é vasto em dimensão territorial e complexo em dinâmica socioeconômica, cultural e ambiental. Destarte, é um espaço com vários aspectos a estudar, como os fluxos regionais e a centralidade de centros urbanos regionais em decorrência de potencialidades econômicas.

Assim, neste trabalho é analisada a dinâmica da cidade de Delmiro Gouveia (Mapa 1) e a sua centralidade na região do Alto Sertão de Alagoas (Mapa 2), considerando-se a promoção do processo de Globalização por intermédio da atividade turística.

Mapa 1: Delmiro Gouveia no semiárido do Brasil



Fonte de dados: SUDENE (2007).

O estudo da dinâmica urbana e regional não deve ser limitado ao contexto das cidades de destaque global ou metropolitano. Além destas, há cidades cuja complexidade funcional não é tamanha, porém exercem influência em contextos regionais e evidenciam particularidades sociais, econômicas e culturais que devem ser estudadas no que tange à produção do conhecimento científico em Geografia. Assim, estuda-se a dinâmica de Delmiro Gouveia, cidade do interior do Nordeste brasileiro, distante aproximadamente 300 quilômetros da capital

do estado de Alagoas, Maceió. A análise é especificada naquela cidade e no seu contexto regional tendo-se em vista a reconfiguração da sua regionalidade¹ na esteira da atividade turística, o que consolida a sua importância na rede urbana alagoana.

Mapa 2: Delmiro Gouveia no Alto Sertão de Alagoas



Fonte de dados: SEPLAG/AL (2014).

No Alto Sertão de Alagoas, a cidade de Delmiro Gouveia é sublinhada por localizar fixos de empreendimentos que atraem fluxos de pessoas, objetos e capitais, sobretudo no período do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994), no qual são viabilizadas as conexões entre as diversas escalas geográficas, desde o lugar até o global. Assim sendo, é analisada a dinâmica dessa cidade no referido período, com foco nos fixos e fluxos decorrentes da sua potencialidade turística e por meio da qual a sua regionalidade é reafirmada.

Esta análise é sistematizada em três tópicos: no primeiro, faz-se reflexão acerca do conceito de região, considerando-se as múltiplas perspectivas teórico-metodológicas que tratam desse. Em seguida, realiza-se reflexão sobre a cidade no contexto da região e a região da cidade, na esteira da formação do Nordeste e da dinâmica das cidades do interior. Conforme tais reflexões, analisa-se a dinâmica de Delmiro Gouveia, especificando a consolidação da sua regionalidade conforme a atividade turística.

¹ De acordo com Haesbaert (2010), a regionalidade é dimensão econômica e simbólica de um determinado espaço e, por isso, não deve ser confundida com a regionalização, que é concernente ao processo de delimitação do espaço.

As múltiplas perspectivas teórico-metodológicas do conceito de região

A definição de um conceito é tarefa complexa, pois deve considerar as diferentes possibilidades para tal. Destarte, no que tange ao conceito de região, é necessário conhecer a natureza desse e saber das suas conceitualizações na história do pensamento geográfico. O desenvolvimento dessas conceitualizações levará à definição da região de acordo com a divisão do trabalho e a cultura, que é o entendimento adotado neste trabalho para a análise da dinâmica urbana e regional de Delmiro Gouveia.

O conceito de região caracteriza a história do pensamento geográfico e foi discutido e definido de modo complexo, isto é, conforme diferentes entendimentos e perspectivas teórico-metodológicas. Assim, para a compreensão desta heterogeneidade conceitual, considera-se a filosofia proposta por Foucault (1986), em “Arqueologia do saber”, de que a formação discursiva evidencia diferentes autores, ideias, reflexões e análises, podendo haver influências entre as diferentes conceitualizações. Outrossim, a narrativa é influenciada pelo contexto no qual é produzida e afirmada, pois o discurso é relacionado ao “solo” e a “experiência”, enquanto instâncias do conhecimento proposto (FOUCAULT, 1986, p. 89).

Conforme a história do pensamento geográfico, o conceito de região é compreendido e definido de diferentes maneiras, com entendimentos que perpassam do determinismo natural à divisão do trabalho, assim como do possibilismo ao quantitativismo. Outrossim, diferentes regionalizações do território brasileiro são delimitadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com critérios econômicos, políticos, físicos, administrativos, por exemplo.

Corrêa (2003), ao estudar a região e a organização espacial, evidencia os diferentes entendimentos acerca do conceito de região na evolução do pensamento geográfico, desde a fundação da Geografia no início do século XIX até a Geografia Crítica e a Geografia Humanista a partir da segunda metade do século XX, no processo de renovação da ciência geográfica após a II Guerra Mundial (1939-1945). Outrossim, Gomes (1996) destaca a epistemologia da Geografia, com explicações sobre os horizontes da história do pensamento geográfico e as respectivas perspectivas teórico-metodológicas.

O conhecimento geográfico foi sistematizado por intermédio de método científico no início do século XIX, no contexto da unificação do Estado-Nação alemão, com as proposições filosóficas de Immanuel Kant e de Johann Gottfried von Herder e as obras científicas de Alexander von Humboldt e de Carl Ritter. Essa sistematização foi realizada conforme os



princípios do positivismo pensado por Auguste Comte, que tem como princípio basilar a naturalização do homem, com a explicação de todos os fatos e fenômenos mediante as leis da natureza. Assim, a Geografia foi originalmente produzida como ciência com conhecimentos próximos das ciências da natureza, analisando-se o espaço do planeta Terra com o foco nos aspectos naturais. Dessa maneira, compreende-se a região como natural, conforme o entendimento na Geologia, com a definição da região como uma unidade espacial caracterizada por homogeneidade fisiográfica.

Da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX foi desenvolvida a Geografia Clássica, que correspondeu ao primeiro horizonte da história do pensamento geográfico. Neste, os primeiros geógrafos de ofício aplicaram o método do positivismo com a ideologia do nacionalismo e, assim, estudaram conceitos fundamentais à Geografia - espaço, território, região e paisagem - na perspectiva da relação entre natureza e sociedade.

O conceito de região foi alvo da obra do geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, que definiu a região como uma unidade espacial conectada a outras unidades, cuja dinâmica deve ser desvendada pela compreensão dos gêneros de vida, isto é, das ações humanas e relações sociais e das interações dos homens com a natureza. Cada região é particularizada por gêneros de vida, que sublinham as influências da natureza sobre a sociedade e a modificação daquela por esta. Destarte, La Blache estudava as diversas regiões de um espaço total, as comparava e, assim, chegava ao entendimento deste. Devido ao fato de a obra desse geógrafo realçar o intercâmbio entre natureza e sociedade e complexificar a análise do espaço regional e do espaço universal, é reconhecida na história do pensamento geográfico como uma obra possibilista e não determinista.

Terminada a II Guerra Mundial (1939-1945), as ciências são chamadas a participar da reconstrução dos espaços destruídos pelo conflito bélico, na esteira da aplicação dos conhecimentos. Sendo assim, há um movimento de renovação das ciências, para o realce das análises e das práticas, em detrimento, muitas vezes, das reflexões.

Nas décadas de 1950 e 1960, a Geografia será renovada, sobretudo, por meio do quantitativismo, com a mensuração do espaço em decorrência da aplicação de estatísticas, tendo-se em vista a ideologia do liberalismo econômico, especificamente, dos agentes hegemônicos do mercado. Com este sentido, a região é definida como o modelo matemático-estatístico resultante da mensuração do espaço. De modo objetivo e exato, a região modelo é utilizada para a generalização de interesses econômicos mediante a produção do espaço, sem considerar a história do espaço e a complexidade da sua dinâmica no que se refere às instâncias social, econômica, política, cultural e ambiental.



Na década de 1970, devido a intensificação das consequências do liberalismo econômico, como a pobreza e o desemprego, nas ciências sociais e nas ciências humanas foi criticada a objetividade da ciência quantitativa ou pragmática e colocou-se em xeque a sua ideologia capitalista. Destarte, foi proposto o horizonte crítico de desenvolvimento da Geografia, com a utilização da dialética para a análise do espaço com a ideologia da transformação socioespacial.

Assim sendo, passa-se a considerar a divisão do trabalho para a definição da região, compreendida por meio das relações de produção e de poder, da realização de políticas públicas e das conexões entre as diversas escalas geográficas, do contexto microrregional ao dos blocos regionais internacionais de poder. Com esse entendimento, afirma-se que a Globalização é caracterizada também pela fragmentação, por ser um estágio do modo de produção desigual, contraditório e combinado, que é o capitalismo. Dessa maneira, não obstante os espaços da Globalização e a simultaneidade das trocas econômicas, a região é fato e fator das desigualdades e das contradições sociais, econômicas, políticas e espaciais que servem para consolidar o capitalismo como modo de produção vigente.

Na década de 1980, um novo horizonte da história do pensamento geográfico foi trazido à tona, para a interpretação do espaço conforme as representações ou manifestações culturais. É o horizonte da Geografia Humanista, cujos estudos são fundamentados, principalmente, na fenomenologia e a ideologia é a da conexão das ciências com os diversos conhecimentos, como o popular e o artístico.

Nessa perspectiva teórico-metodológica, a região é estudada pelas suas identidades, com a definição da região de acordo com as suas particularidades e tramas com outras regiões e escalas geográficas, como a do lugar. As diferentes identidades regionais explicitam regionalismos, que significam o espaço e podem aderir e/ou resistir às forças externas.

Portanto, observa-se a multiplicidade de entendimentos acerca do conceito de região em Geografia. Neste trabalho, para a análise da dinâmica de Delmiro Gouveia na região do Alto Sertão Alagoano conforme a potencialidade turística, sublinham-se as perspectivas da Geografia Crítica e da Geografia Humanista, pois a região é definida e analisada por intermédio da divisão do trabalho, das conexões com outras escalas e do seu regionalismo. Outrossim, tendo-se em vista o imbricamento entre os contextos da cidade e da região, considera-se a dinâmica como urbano-regional.



A cidade e a região no contexto do Nordeste brasileiro

A cidade é o espaço das coexistências, das desigualdades e das interações com densidade, com realce para os objetos técnicos e para as ações humanas e relações sociais em busca da sobrevivência ou da mais-valia. Na cidade, os desiguais agentes sociais coexistem, de modo contraditório: os agentes hegemônicos do mercado (capital financeiro, capital imobiliário, capital empresarial, Estado) dinamizam o espaço no sentido de explorá-lo, mirando a obtenção do maior lucro possível; os agentes não hegemônicos (trabalhadores pobres) participam desta dinâmica em busca da sobrevivência, com o desenvolvimento de atividades para ter acesso a renda e poder consumir alimentos, vestimentas e habitar. Destarte, a cidade é compartilhada por divisões do trabalho justapostas, com a economia hegemônica explorando o espaço e o trabalho, e a economia não hegemônica complementando-se com aquela na perspectiva da subordinação.

Outrossim, a cidade coexiste com outras cidades por intermédio das redes geográficas, dentre as quais a rede urbana. As tecnologias digitais da informação e da comunicação, a modernização dos meios de transporte e a financeirização da economia e do território são aspectos que adensam as interações entre as cidades, com intercâmbios frequentes e rápidos de capitais, mercadorias, informações e pessoas. Assim, as cidades complementam-se e formam um sistema urbano, porém de modo desigual. Em toda rede urbana, há cidades que destacam-se pela sua funcionalidade e, por isso, hierarquizam as relações de complementaridade, mediante o exercício de influência regional.

Com esse entendimento, Corrêa (1989) define a cidade como um espaço fragmentado e articulado, decorrente das ações humanas e relações sociais e condicionante social. Ao afirmar que a cidade é fragmentada e articulada, esse autor assevera as desigualdades e as contradições que caracterizam o espaço, mas também as combinações, pelo fato de os desiguais coexistirem. Ademais, Corrêa (1989) sublinha que a cidade é um produto social e como tal acaba por influenciar na vida e nas relações dos homens, pois o modo como a sociedade produz a cidade é condicionante para o presente e para o futuro como tendência.

Outrossim, Castells (1989) destaca a cidade produzida no atual estágio da Globalização, desde a década de 1970, como a cidade informacional, cujo destaque é para os fluxos impulsionados pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação. Roncayolo (1990) sintetiza tal discussão ao afirmar que a cidade deve ser compreendida e definida pela sua dinâmica no que tange a funções, interações e, portanto, participação em uma divisão territorial do trabalho.



A análise e a definição da cidade devem ocorrer considerando-se as suas funcionalidades e interações. A funcionalidade da cidade é evidenciada pela forma-conteúdo, isto é, pelos fixos (objetos) que a caracterizam e pelos fluxos (ações e circulações) decorrentes. Quanto mais densa e complexa a forma-conteúdo da cidade, mais atrativo será o seu mercado, o que lhe confere destaque na rede urbana. Assim, ao interagir com outras cidades, quanto mais complexo é o seu mercado, maior influência regional será exercida pela cidade. Ao contrário, quanto menos complexo for o mercado da cidade, maior será a complementaridade dessa com outras cidades na perspectiva da subordinação.

Não obstante, deve-se saber que há circunstâncias nas interações entre as cidades que alteram a exatidão da complementaridade e da hierarquização urbana. Pode ocorrer de uma cidade com mercado pouco complexo localizar um circuito espacial produtivo de interesse exógeno, fato que conectará esta cidade com outras escalas geográficas distantes ou diferentes da rede urbana que ela integra. Nesse caso, haverá uma conexão geográfica que extrapola o sistema urbano e faz da cidade - de modo geral, pouco complexa - um centro interessante no que tange a um circuito espacial produtivo ou a algumas etapas deste.

A definição da cidade é tarefa de tamanha complexidade que não deve ser realizada por meio de simplificação ou de quantificação. Assim é definida a cidade nos documentos e nas pesquisas publicadas pelo IBGE, que tipifica as cidades do país, sobretudo, pelo tamanho da demografia, considerando-se como cidade pequena a que tem até 100.000 habitantes, cidade média a que tem entre 100.001 e 500.000 habitantes e cidade grande a que tem mais de 500.000 habitantes.

Essa maneira de definir a cidade entende o tamanho da demografia como causa da dinâmica urbana, não como consequência. Tal compreensão é equivocada, pois uma cidade média em uma dada rede urbana estadual, pode não ter destaque funcional suficiente para ser definida como centro de importância regional na rede urbana macrorregional. Além disso, uma cidade grande em um dado contexto estadual ou macrorregional pode não ser densa o suficiente para ser considerada grande na rede urbana nacional.

Outrossim, uma cidade com demografia generalizada como pequena nos documentos e nas pesquisas do IBGE, pode não ser um centro de funcionalidade pequena em uma rede urbana estadual, como é o caso da urbe de Delmiro Gouveia na rede urbana alagoana. Em 2020, essa cidade tinha uma população estimada em 52.262 habitantes e funcionalidade destacada no estado de Alagoas, apresentando-se como centro de influência regional na rede urbana estadual, detidamente na região do Alto Sertão Alagoano.



Assim sendo, o melhor procedimento é o de analisar a dinâmica urbana pelas funcionalidades e interações da cidade, em um dado contexto de rede urbana. Com essa análise, pode-se definir a cidade conforme a sua história, o seu mercado e os seus intercâmbios com outros centros urbanos próximos ou não.

Com esse entendimento, Santos (1994) denomina as cidades do Brasil de centro local, centro intermediário, cidade grande e metrópole. O centro local tem mercado que atende as necessidades básicas da população que reside nessa cidade, com complementação na rede urbana, sobretudo, na perspectiva da subordinação ao centro urbano mais complexo em funcionalidade. Ao contrário dessa situação socioespacial, a cidade grande tem mercado denso, atraindo de modo frequente pessoas - para consumirem nas atividades que localiza - e conseqüentemente objetos, capitais e informações. Destarte, a cidade grande é um centro que irradia normas, informações, inovações e, por isso, complementa-se na rede urbana no sentido de hierarquização da cidade de menor complexidade.

A cidade intermediária tem mercado mais complexo do que o do centro local e mercado menos complexo do que o da cidade grande. Assim, a cidade intermediária complementa-se com o centro local na perspectiva da hierarquização deste. Ao contrário, com a cidade grande, a cidade intermediária complementa-se no sentido do destaque daquela, pelo fato da maior complexidade funcional da cidade grande. Desse modo, na rede urbana, a cidade intermediária exerce funcionalidade híbrida, pois tanto hierarquiza centro urbano quanto complementa-se no sentido da subordinação. Por isso, é denominada por Santos (1994) de intermediária.

A metrópole é um sistema urbano constituído por cidades de diferentes funcionalidades, com realce para uma cidade grande em funcionalidade que complementa-se com outras cidades cujos mercados são densos e com centros urbanos locais. As interações entre essas cidades são frequentes e substanciais, de modo que os seus espaços podem ser entrelaçados a ponto de não se saber os limites territoriais entre uma cidade e outra.

No período técnico-científico-informacional é intensificada a urbanização do Brasil, em decorrência da modernização da agricultura sem alteração da desigualdade fundiária, da industrialização e, sobretudo, da expansão das atividades comerciais e/ou prestadoras de serviços desencadeadas por trabalhadores pobres. Por isso, a urbanização brasileira é bastante impulsionada pelas atividades da economia não hegemônica, podendo ser associada à expansão da pobreza.

Ademais, a urbanização do Brasil é desenvolvida por intermédio da centralidade da grande cidade, do crescimento da cidade intermediária e da complexificação da cidade local. Na rede urbana nacional, a centralidade principal é a da grande cidade, por esta localizar ou



comandar as atividades que - no país - determinam as variáveis-chave do período atual. Assim sendo, pode-se assinalar o destaque de São Paulo quanto às variáveis ciência e finanças - por meio da instância da economia -, o destaque do Rio de Janeiro no que se refere às variáveis informação e consumo - mediante a instância da cultura - e o destaque de Brasília no que tange às decisões e informações políticas.

Devido à sua densidade de desigualdades, contradições e segmentações socioespaciais, na cidade grande é maior a intensidade das causas e consequências da urbanização pela expansão da pobreza. Por isso, ocorre o movimento de muitas pessoas preferirem morar e trabalhar em cidade intermediária, onde tais causas e consequências são mais controladas, as vivências são mais tranquilas e a vida parece ser de maior qualidade. Assim, a cidade intermediária tende a crescer e a ser consolidada como centro regional importante para as complementaridades e as hierarquizações da rede urbana.

Outrossim, a cidade local é complexificada em termos de ações humanas, relações sociais e mercado. Essa cidade continua a ser, sobretudo, o centro urbano no qual há atendimento das necessidades básicas da população que nela reside e trabalha. Não obstante, tais necessidades são alteradas e, no período técnico-científico-informacional, há necessidades de consumo moderno que são consideradas básicas. Por isso, a cidade local é, cada vez mais, caracterizada, por exemplo, por atividades que prestam serviços de média complexidade em contabilidade, advocacia e medicina, além de ter o seu mercado diversificado com produtos hodiernos divulgados nas redes sociais e nas emissoras hegemônicas de comunicação, o que faz com que tais produtos sejam desejados pela maioria das pessoas.

Na Região Nordeste do Brasil, as principais cidades em funcionalidade são as capitais estaduais, algumas com dinâmica de metrópole, a saber: Salvador (BA), Recife (PE) e Fortaleza (CE). As grandes cidades da rede urbana nordestina complementam-se de modo hierárquico com cidades intermediárias e cidades locais, configurando a dinâmica urbano-regional absoluta dessa região. Além disso, existem as complementaridades entre as cidades da região com outros espaços do território nacional e de contextos internacionais.

O destaque das referidas cidades no Nordeste do Brasil deve-se ao processo histórico de direcionamento de políticas públicas e sistemas de engenharia, sobretudo, para esses espaços, fato que adensa as suas dinâmicas e as diferencia nas complementaridades entre as urbes da região.

De modo geral, a análise da dinâmica urbano-regional no Nordeste brasileiro deve considerar a histórica configuração da cidade estudada e, como fato e consequência, as suas interações e conexões espaciais. Assim sendo, pode-se definir a cidade pesquisada pela sua



história, a sua funcionalidade, as suas relações na rede urbana e conexões geográficas com outras escalas.

Neste trabalho, analisa-se a dinâmica urbano-regional de uma cidade intermediária da rede urbana do Nordeste do Brasil, a qual complementa-se diretamente no sistema urbano do estado de Alagoas. Trata-se da cidade de Delmiro Gouveia, espaço sertanejo de influência regional.

Delmiro Gouveia: centralidade regional e potencial turístico no Alto Sertão de Alagoas

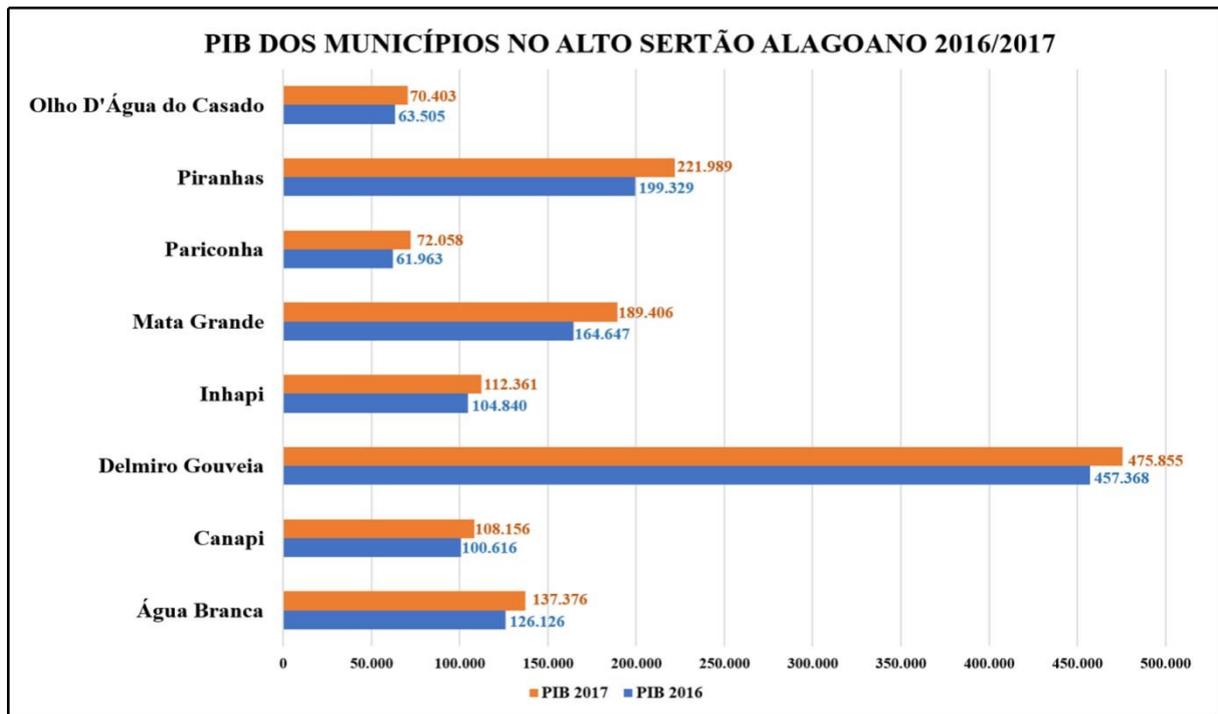
O município de Delmiro Gouveia foi criado em 1952 e, desde então, atrai para o seu mercado e para as suas opções de lazer ou turísticas habitantes de outros espaços. *A priori*, essa atração era exercida no que se refere a habitantes de espaços próximos de Delmiro Gouveia, que frequentavam o espaço em busca de trabalho na indústria têxtil, no ramo da produção de energia ou na construção civil, tendo-se em vista as obras de canalização da água na cachoeira de Paulo Afonso e da instalação da usina de Angiquinho, ou em busca de mercadorias ofertadas na feira livre da cidade. Nos dias atuais, a referida atração é ampliada em termos de escala geográfica, pelo fato de Delmiro Gouveia ser visitada também por turistas de âmbitos nacional e internacional, considerando-se a beleza da natureza desse espaço e os objetos geográficos que são instalados para viabilizar a sua potencialidade turística. Destarte, a regionalidade de Delmiro Gouveia no Alto Sertão de Alagoas é consolidada e amplificada.

Na região do Alto Sertão de Alagoas, a economia de Delmiro Gouveia é destacada (Gráfico 1), com o desenvolvimento de atividades agrícolas (cultivo de mandioca, milho, feijão, hortaliças, dentre outros produtos) que abastecem a feira livre da cidade realizada aos sábados, constituindo-se como o maior mercado periódico da região, por provocar o deslocamento para Delmiro Gouveia de habitantes dos outros municípios. Ademais, na urbe delmireense são ofertadas atividades comerciais e de serviços não existentes com a mesma diversidade ou qualidade nos outros espaços do Alto Sertão de Alagoas, o que também explica a influência regional exercida por Delmiro Gouveia.

Dentre os serviços ofertados na cidade de Delmiro Gouveia é realçado o do Ensino Superior, no *campus* da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (Figura 1), que fixa docentes provenientes de diversos estados do Brasil e atrai estudantes cujas famílias residem, sobretudo, em municípios do Alto Sertão de Alagoas, mas também em outros espaços do estado ou da

região Nordeste. Do mesmo modo, destaca-se a localização na cidade delmirenses de bancos, redes de supermercados, lojas de eletrodomésticos, móveis e vestuários e de agências de turismo e viagens. Essa complexidade funcional da cidade é fato e fator das interações diretas e frequentes de Delmiro Gouveia com outros espaços da rede urbana alagoana e por conexões com outros espaços do Brasil, viabilizadas por estradas federais e estaduais (Mapa 3).

Gráfico 1: PIB dos municípios do Alto Sertão de Alagoas, 2016-2017



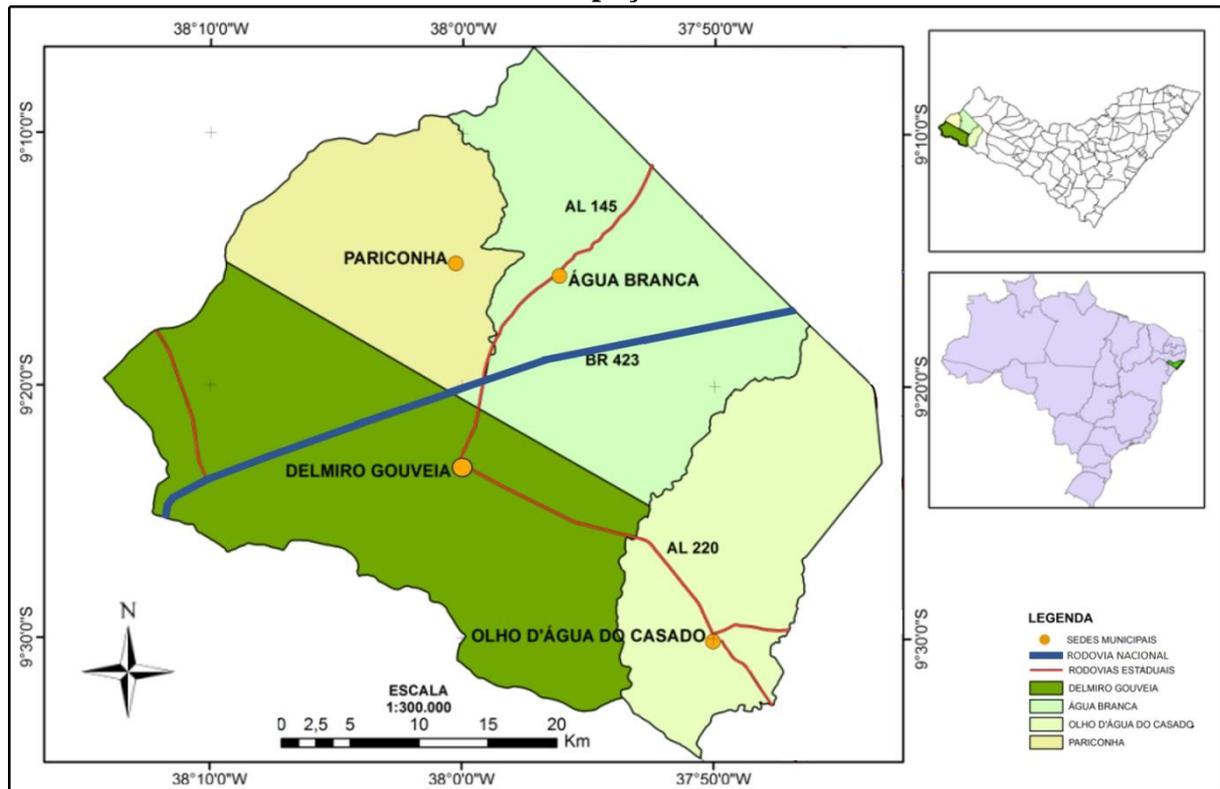
Fonte: SEPLAG/AL (2019).

Figura 1: Duplicação da AL 145 e rotatória da entrada do *campus* da UFAL em Delmiro Gouveia



Foto: Luiz Siqueira e Márcio Ferreira, 2020.

Mapa 3: Estradas federais e estaduais que conectam Delmiro Gouveia com outros espaços



Além disso, a natureza de Delmiro Gouveia favorece o desenvolvimento da atividade turística. A exuberância da vegetação da caatinga, o rio São Francisco e os cânions que o margeiam (Figura 2) são atrações para turistas nacionais e internacionais. Esse turismo é viabilizado na cidade de Delmiro Gouveia com a implantação de pousadas, restaurantes e hotéis (Figuras 3 e 4), onde os turistas desfrutam da natureza, das comidas típicas e do artesanato do Alto Sertão Alagoano.

A bela natureza do Alto Sertão de Alagoas (figura 2) não é exclusiva do município de Delmiro Gouveia. Os municípios alagoanos de Olho D'Água do Casado e Piranhas também são banhados pelo rio São Francisco e caracterizados pela atividade turística de passeio de catamarã pelas águas deste com a observação dos seus cânions. Não obstante, é em Delmiro Gouveia que os turistas hospedam-se e consomem bebidas, alimentos e artesanatos, devido ao fato dessa cidade localizar estrutura que viabiliza o turismo nacional e internacional. Exemplo é o hotel Aline, da rede Bristol de hotéis. Essa rede tem hotéis em Alagoas, Paraná, Pará, Mato Grosso do Sul, Ceará e São Paulo, com serviços que classificam as suas hospedagens em quatro estrelas. Tal estrutura evidencia Delmiro Gouveia como destino turístico em *sites* de indicação de viagens, passeios, hospedagens e restaurantes, como o Tripadvisor, Insta Viagens, Booking, Decolar, Submarino Viagens, Peixe Urbano e Trivago.

Figura 2: Passeio de catamarã no rio São Francisco com a observação dos seus cânions, entre os municípios alagoanos de Olho D'Água do Casado e Delmiro Gouveia



Fonte: Kaio Fragoso e Secretaria de Turismo de Alagoas, 2020.

Figura 3: Pousada e restaurante Castanho, nas margens do rio São Francisco, em Delmiro Gouveia



Fonte: Pousada e restaurante Castanho, 2020.



Outrossim, a transposição das águas do rio São Francisco viabilizou obras para a construção e a manutenção de um canal de 250 quilômetros de distância abrangendo os municípios alagoanos de Delmiro Gouveia e Arapiraca. Do mesmo modo, a instalação e a expansão do *campus* da UFAL naquela cidade transformou o espaço atualmente denominado de bairro Universitário, onde, outrora, existiam chácaras e, hoje, há hotel, residências, loteamentos residenciais, posto de gasolina, corpo de bombeiros, guarda civil e hospital regional.

Essa transformação da cidade de Delmiro Gouveia moderniza a dinâmica social, econômica e cultural do espaço e consolida o seu destaque funcional no Alto Sertão de Alagoas, com a valorização da regionalidade sertaneja como estratégia para o progresso econômico.

Considerações finais

A análise da dinâmica da cidade não deve negligenciar as interações dessa com a escala regional, pois as cidades coexistem mediante intercâmbios sociais, econômicos, políticos e culturais, fato que realça a pertinência da abordagem urbano-regional.

O estudo da dinâmica de Delmiro Gouveia destaca essa pertinência e as conexões nacionais e internacionais de uma cidade cuja potencialidade turística é efetivada com a implantação no espaço de estrutura condizente à atração de turistas do Brasil e de outros países do mundo, em busca da beleza da natureza do Alto Sertão de Alagoas e das amenidades para o lazer oferecidas na urbe delmirenses.

Destarte, a transformação do espaço urbano de Delmiro Gouveia consolida a sua funcionalidade destacada no Alto Sertão de Alagoas, pois nessa cidade são ofertados mercadorias e serviços não existentes nos demais municípios da região, ou oferecidas na urbe delmirenses com maior qualidade.

A efetivação do potencial turístico do espaço causa conexões nacionais e internacionais, com atração de turistas para visitarem o rio São Francisco e os seus cânions, conhecerem a cultura do Alto Sertão de Alagoas e desfrutarem das amenidades para o lazer existentes na cidade de Delmiro Gouveia.

O destaque urbano-regional e as conexões geográficas de Delmiro Gouveia são viabilizadas mantendo-se a regionalidade do espaço, isto é, relacionando-se o progresso econômico com a identidade cultural. A transformação da cidade, a consolidação da sua influência regional e a visitação de turistas nacionais e internacionais não causam a homogeneização da cultura nem a destruição da natureza. Ao contrário, a valorização da cultura



da região e a preservação da natureza são aspectos que qualificam a dinâmica econômica de Delmiro Gouveia.

Agradecimentos

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida para o desenvolvimento da pesquisa.

Referências

- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo, Ática, 1989.
- _____. **Região e organização espacial**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Zoneamento Agroecológico do Estado de Alagoas (ZAAL)**. Estradas federais e estaduais que conectam Delmiro Gouveia com outros espaços. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Revista Antares**, n. 3, jan./jun. 2010.
- RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires**. Paris: Gallimard, 1990.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SECRETARIA DO ESTADO DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO DE ALAGOAS (SEPLAG/AL). **Regiões de planejamento**. 2014. Disponível em: https://dados.al.gov.br/catalogo/nl/dataset/mapas-de-caracterizacao-territorial/resource/01f15da0-f7eb-41d3-9734-5d4e84c03e4d?inner_span=True. Acesso em: 19 de janeiro de 2023.
- _____. **Nota Técnica**, Maceió, n. 03, dez. 2019.
- SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE (SUDENE). **Delimitação do semiárido**. 2007. Disponível em: <http://antigo.sudene.gov.br/delimitacao-do-semiarido>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.